

A VERTIGEM METAFÓRICA NOS JARDINS POÉTICOS DE CLAUDIA ROQUETTE-PINTO

Eloiza Fernanda Marani (UFMS/CAPES)¹

Resumo: Poeta contemporânea, Cláudia Roquette-Pinto (1963-), resgata em sua poesia temas presentes no cotidiano de forma sutil e figurativizada, como: amor, sexualidade, feminismo, intertextualidades, resgate da tradição, construção poética, etc. Todas as temáticas que integram o percurso das obras da autora arquitetam o 'jardim de poemas' através de metáforas que aproximam mundos distintos, contudo, convergentes no cosmos da poesia. Diante o exposto, o presente trabalho tem como objetivo ilustrar e traçar a construção de um percurso estrutural e metafórico que revelará a íntima relação corporal e poética presente nos versos da autora.

Palavras-chave: Literatura Brasileira; Poesia contemporânea; Metáfora Botânica.

Introdução

A metáfora, como um recurso da linguagem, vem sendo estudado por muitos pesquisadores no mundo todo. Dentro da linguagem, tanto escrita como falada, utilizamos o recurso da metáfora. Mesmo que (in) conscientemente esse recurso linguístico aprimora e embeleza o discurso, formulando um significante expressivo e envolvente na análise textual, especialmente no âmbito poético.

O *locus* da metáfora é a linguagem, sendo concebida como uma figura linguística. De uma maneira geral, no aspecto teórico, há um consenso entre estudiosos de que a metáfora representaria, em sua essência, uma transferência de sentido de um termo "A" para um outro termo "B". Essa visão consensual, que implica necessariamente transporte de sentidos, é assim enfatizada por Mendes (2010):

Etimologicamente, o termo metáfora deriva da palavra grega *metaphorá* através da junção de dois elementos que a compõem - *meta* que significa "sobre" e *pherein* com a significação de "transporte". Neste sentido, metáfora surge enquanto sinônimo de transporte, mudança, transferência e em sentido mais específico, transporte de sentido próprio em sentido figurado. De fato, e tendo como base o significado etimológico do termo, o processo levado a cabo para a formação da metáfora implica necessariamente um desvio do sentido literal da palavra para o seu sentido livre; uma transposição do sentido de uma determinada palavra para outra, cujo sentido originalmente não lhe pertencia.

¹ Doutoranda em Estudos Literários pelo Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, campus de Três Lagoas/MS – email: elo_marani@hotmail.com.

Muitos escritores utilizam desse recurso linguístico na “carpintaria” de seus textos, dentre esses escritores destacamos Claudia Roquette-Pinto, poeta contemporânea que publicou sete obras, os quais serão descritos no corpo desse trabalho, e ainda continua ativa no âmbito literário brasileiro.

Claudia Roquette-Pinto nasceu em agosto de 1963, no Rio de Janeiro. O sobrenome ilustre vem do bisavô paterno, Edgar Roquette-Pinto, que foi, entre muitas outras coisas, antropólogo, médico legista, professor, escritor, cientista, desbravador (expedição Rondon), além de ser o responsável pela implantação da radiofonia no Brasil.

A escritora cursou Letras na Pontifícia Universidade Católica (PUC) do Rio de Janeiro, especializou-se em tradução literária voltada para a língua inglesa, atividade que exerce desde que se formou. Praticou também tradução simultânea por necessidade, pois se tornou uma praticante do budismo tibetano.

Até o atual momento publicou os seguintes livros: *Os dias gagos* (1991), *Saxífraga* (1993), *Zona de sombra* (1997), *Corola* (2000), *Margem de manobra* (2005) e *Entre lobo e cão* (2014). Publicou, também, um livro voltado a literatura infanto-juvenil, *Botoque e Jaguar: a origem do fogo* (2009).

Na configuração das obras de poesia lançadas por Claudia Roquette-Pinto há uma persistência em retratar uma preocupação com a forma e a maneira como a poesia é construída. Entretanto, caracteriza também temas que tratam da vida na sociedade. Uma poeta de imagens, cujas obras mencionam flores, folhagens, obras de arte, impessoalismo, feminilidade, violência, além da musicalidade presente em seus versos.

Este artigo tem por propósito debruçar-se sob as metáforas botânicas presentes no percurso poético de Claudia Roquette-Pinto, para isso iniciemos com a análise da capa da obra *Corola* (2000) e um panorâmico passeio sobre as obras que a compõem, seguido da análise do poema “os frutos da terra”, presente na obra *Saxífraga* (1993), no intuito de demonstrar a identidade que a escritora estabelece com analogias a flores, folhagens e elementos da natureza como confirmação de uma ânsia pela efetivação da essência e predileções que perfazem o universo feminino.

As metáforas imagéticas na poética de Claudia Roquette-Pinto

Um dos aspectos mais relevantes dos poemas tradicionais e contemporâneos são as metáforas, as quais se baseiam em expressões de competência retórica que

aproximam duas realidades distintas, ou seja, quando há a transposição de uma linguagem real para uma linguagem figurada.

A metáfora se constrói pelo desvio das regras do discurso e, ocasionam no leitor uma certa “estranheza”. Pode, também, ser reconhecida como ornato, ou seja, uma forma figurada de embelezamento do discurso, um discurso velado, um enigma a ser desvendado na forma de códigos/palavras. Sobre o enigma que a metáfora produz, Luiz Costa Lima informa que:

Enquanto enigma velado a metáfora não é apenas uma figura de composição estranha, cujo interesse se esgotaria nessa própria estranheza. Muito menos dela damos conta quando acrescentamos que seu componente de estranheza precisa se compor com a exigência de clareza. (LIMA, 1989, p.151-152).

Sabemos que as metáforas literárias encontram justificação não só na necessidade que o locutor tem de traduzir por palavras a apreensão de um universo interior e exterior, que transcende a lógica e a língua, mas também na necessidade de suscitar o interesse do leitor por meio de um discurso, cuja ambiguidade permite várias interpretações nas competências poéticas.

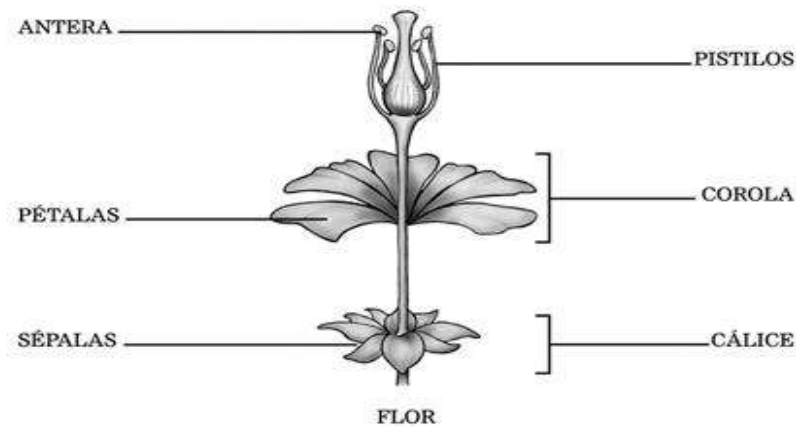
A poética de Claudia Roquette-Pinto se constrói pela utilização da metáfora, assim como muitos outros poetas. Sua construção metafórica é baseada em muitos aspectos do cotidiano, mas a apropriação de imagens, essencialmente referências a imagens de jardins e flores, esta presente desde sua primeira obra publicada e se perdura até a última.

Essa poesia imagética é composta pela utilização das metáforas botânicas e por uma sintaxe estruturada. A metáfora utilizada pela poeta visa retratar o ato de não simplesmente escrever, mas principalmente a arte em fazer e tirar poesia de tudo.

Dentre o acervo bibliográfico de Claudia Roquette-Pinto trazemos a obra *Corola* (2000) em que desde a capa, como na essência dos poemas, apresentam a utilização das metáforas de forma sólida e significativa.

Como já dito, a poética dessa autora é repleta de imagens, desde sua primeira obra publicada, mas é em *Corola* que este aspecto amadurece e ganha um significado expressivo. A referência a imagens causam indagações desde sua capa e título, os quais são compostos por nome e ilustração que advém de termos específicos e técnicos da botânica associados e/ou transpostos à poesia, como exemplificado no quadro a seguir:

Figura1 – Esquema (em cortes) das partes florais



Fonte: site *Só Biologia*²

Como já foi dito e visualizado no quadro acima, corola é o nome dado ao conjunto de pétalas que envolvem o pistilo da flor. Em oposição a esse conceito temos a capa do livro *Corola* composta de uma flor com apenas uma pétala em destaque, exemplificada a seguir:

Figura 2 - Capa da obra *Corola* (2000)



Fonte: ROQUETTE-PINTO, 2000³

² Disponível em: http://www.sobiologia.com.br/conteudos/Morfofisiologia_vegetal/morfovegetal8.php. Acesso em: 01 de agosto de 2018 às 10h45min.

Com base nessa imagem delicada e circular, presente na capa e em todo o corpo do livro, Claudia Roquette-Pinto constrói os poemas que compõem o livro *Corola*, os quais juntos restauram e formam a “grinalda de pétalas” inexistente na capa da obra.

Todos os elementos que compõem esse microcosmo encontram sua síntese na escrita e giram ao redor da grande metáfora mãe que é a Flor, matizada aqui sob a aparência de diversas flores.

Sobre essas indagações a respeito dos significados que circundam essa obra desde a capa, Rodrigo Petrônio relata (*Jornal de poesia, s/d*):

Antes que o leitor pergunte, ou caso já esteja se perguntando, corola é o anel que envolve o miolo das flores, sem necessariamente ser parte dele. Com base nessa imagem Claudia Roquette-Pinto forja o conjunto de poemas que compõem esse livro, Prêmio Jabuti de 2001, que goza de uma grande unidade temática e de composição e onde cada peça funciona como quadro, como cena de uma ação imaginária. Assim as flores e objetos desses pequenos jardins suspensos vão se desdobrando, em associações de imagens de grande beleza que captam o leitor muitas vezes pelo inusitado de sua natureza.

Os jardins presentes nos poemas de Claudia Roquette-Pinto nada mais são do que espelhos que refratam o mundo circundante da sociedade e a consciência desse eu poético na construção do ato de fazer poesia, um metapoema.

A partir desses pressupostos, a obra *Corola* mostra a experiência urbana velada no discurso poético. A procura do eu poético por uma identidade, que transcende a poética, é refletida em toda a obra. Esse sentimento de busca por uma fórmula do fazer poético retrata-se em um mundo ficcional, exaltado no jardim improvável de *Corola*, pois não existem flores e sim imagens que as remetem. Entretanto no decorrer dos poemas as flores vão constituindo-se e solidificando-se, assim como o próprio ato de fazer poesia.

A poesia imagética de Claudia Roquette-Pinto constrói-se a partir da escultura de palavras, que transcendem a literalidade para envolver o leitor nos detalhes arquitetônicos de sentidos e significados. A capa e os poemas que compõem *Corola*, de Claudia Roquette-Pinto, envolvem uma complexidade de leitura, entretanto, a seleção

³ Disponível em: <http://www.claudiaroquettepinto.com.br/livros-corola.html>. Acesso em: 01 de agosto de 2018 às 16h52min.

das palavras e imagens utilizadas pela autora remete-nos a um mundo figurativizado pelo recurso metafórico.

A metáfora botânica como instrumento de sexualidade

A grande virtude da poesia de Claudia Roquette-Pinto é sua habilidade em lidar com as imagens. Nesse domínio, suas comparações são agudas, aproximam elementos distantes, enredando-os à trama delicada de sons e sentidos desse grande leque repleto de ornamentos e pulsações telúricas.

A identidade poética que a autora estabelece com imagens de flores, folhagens e elementos da natureza apresentam-se como confirmação de uma poesia repleta de imagens eróticas e simbólicas, apresentadas no poema “os frutos da terra”, presente em *Saxífraga* (1993), segunda obra publicada pela escritora:

os frutos da terra
(frieda kahlo)

- as espigas estão fechadas
pendem do céu suas barbas
íntimas, como em mulheres

- a berinjela emborca negra
brilha o dorso o rabo negro
(brilha o rego)

- a goiaba foi aberta
mora um fogo dentro dela
“que me fere. envelheço.”

- fruta branca sem vergonha
parte os lábios feito uma dona
feito uma cona
instruída

- abóbora haste em riste
a raiz da mandioca
espeta tudo que assiste

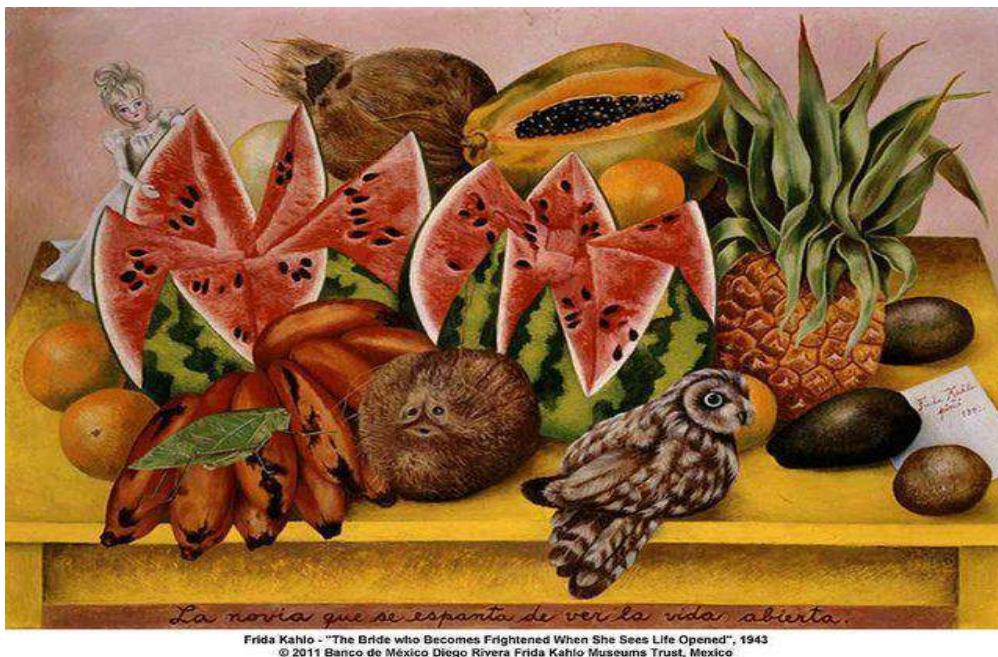
- a pele a tela não importa
o que excita
nesta natureza morta

(ROQUETTE-PINTO, 1993, p. 16)

Claudia Roquette-Pinto mergulha nas cores e nas formas da natureza-morta de Frieda Kahlo – confirmada pela dedicatória no poema – e absorve o que há de revitalizador, fazendo com que dos frutos nasça o corpo em sua plenitude. A poeta penetra na substância secreta das palavras e lança a semente poética, florescendo o poema com o jogo metafórico.

O gênero pictórico natureza-morta preserva na sua denominação o significado de vida imóvel, vida em suspensão, pois desde a Idade Média objetos inanimados eram representados através da pintura. Apresentamos a seguir a obra pictórica de Frieda Kahlo ressignificada no poema em análise.

Figura 3 - *The Bride who Becomes Frightened When She Sees Life Opened* (1943), de Frieda Kahlo



Fonte: site [fridakahlofans](http://fridakahlofans.com)⁴

Frieda Kahlo, consagrada pintora mexicana, expressou sua sensibilidade artística através da reinvenção pictórica que transbordava seu corpo e atingia a transcendência da arte. Suas obras ressaltavam o inusitado da representação corpórea, fruto da percepção feminina que desafiou os tabus da época, irrompendo uma nova versão.

⁴ Disponível em: <http://www.fridakahlofans.com/c0440.html>. Acessado em 02 de agosto de 2018 às 21h51min.

No quadro *The Bride who Becomes Frightened When She Sees Life Opened*, os tons sexuais são evidentes, como podemos visualizar nas imagens que remetem a genitália masculina (bananas) e a genitália feminina (mamão aberto), e tudo se combina em uma comunhão cíclica, uma espécie de ying e yang, de bem e mal, de puro e profano. Dessa forma, temos uma combinação de cores e formas, as quais reforçam a vitalidade de uma vida ativa e fecunda.

Através do diálogo intertextual, Claudia Roquette-Pinto revisita a natureza-morta de Frieda Kahlo, pensando a vida como a capacidade de olhar para si e repudiando toda a imobilidade que arrasta o ser para a morte. Além disso, a poeta elabora seus versos com rigor formal e com linguagem preciosa observada na precisão vocabular da construção de metáforas e pela musicalidade obtida na cadência poética.

No poema, “Os frutos da terra”, Claudia Roquette-Pinto aproxima-se do pictórico e se debruça sobre a imagem, investigando a vida que palpita infinitamente dentro dos frutos. Nesta relação natureza/corpo, a poeta penetra nos mistérios da sexualidade e fertilidade feminina, através de uma linguagem corpórea e rica em imagens e sentidos.

Em “Os frutos da terra”, os versos “– as espigas estão fechadas/ pendem do céu suas barbas/ íntimas, como mulheres” trazem o trabalho sonoro das rimas que se entrelaçam aos simbolismos corpóreos. Desta forma, a descrição das espigas pictóricas aludem aos íntimos detalhes do corpo feminino. Chevalier e Gheerbrant (2002, p. 397) comentam que “a espiga de milho ostenta simultaneamente a cor feminina da terra vermelha e a cor máscula do céu azul”, despertando para o crescimento e a maturidade sexual.

O erotismo dos frutos compõe o cenário da escrita corporal que se traça no contato com o outro. A forma e a posição da berinjela sugestionam os movimentos de um corpo em toda sua sexualidade “a berinjela emborca negra/ brilha o dorso o rabo negro/ (brilho o rego)”. Da mesma forma, a anatomia poética complementa-se na terceira estrofe, onde a goiaba, inundada pelas forças da divindade do amor e da paixão, mobiliza-se com a efervescência terrena e profana, “– a goiaba foi aberta/ mora um fogo dentro dela/ “que me fere. envelheço.”

Neste percurso pela curva geográfica do corpo feminino, os frutos assumem uma postura antropomórfica, permitindo o movimento dos sentidos na produção poética da autora. A “fruta branca sem vergonha” esgarça as fronteiras que impedem o contato erótico, “feito uma cona/ instruída”. Os versos “– a abóbora haste em riste/ a raiz da

mandioca/ espeta tudo que assiste” apoiam-se na sensualidade dos contornos para insinuar a culminância dos desejos que se concretiza na complementação erótica do encontro físico.

Em “– a pele a tela não importa/ o que excita/ nesta natureza morta”, a poeta transcende os limites do gênero pictórico natureza morta, revestindo-o da força vital dos apelos sensoriais revelados através do erotismo vocabular que atinge a epiderme do poema. Com efeito, o enredo poético tecido pela harmonia sonora e pelo requinte formal comunicam-se com a singularidade artística de Frieda Kahlo, ultrapassando as fronteiras da poesia a atingindo a plenitude do corpo – fisiológico e poético – em constituição.

Considerações finais

As reflexões sobre as imagens e a análise das metáforas botânicas na poética de Claudia Roquette-Pinto encontram no jardim a imagem criadora, em que jardim apresenta-se como simulacro de privacidade, de realidade selvagem e de uma natureza liberta de culturas.

Sendo simulacro, o jardim de Claudia é realidade além da realidade, representação do mundo natural de forma simbólica e subjetiva. Desse modo, o percurso poético da autora é, aparentemente, o simulacro da poesia e coexistem na materialidade de seu jardim, o qual representa a busca incansável pela poesia, os mistérios que a cerca e a intensa e íntima relação com a mesma.

Com a apresentação anacrônica da capa de *Corola* (2000) e um breve esboço sobre seus poemas, acompanhado com a reflexão do poema “os frutos da terra”, presente em *Saxífraga* (1993), podemos vislumbrar, em Claudia Roquette-Pinto, um percurso poético repleto de metáforas botânicas, em que essas se fazem essenciais na efetivação do poema.

Dessa forma, este estudo estabelece uma junção temporal entre os livros *Corola* e *Saxífraga*, tendo na metáfora botânica o elo norteador e de ligação entre o processo fisiológico que perfaz o universo do feminino, assim como também, o processo laborioso na formação do constructo poético.

Referências

CHEVALIER, Jean & GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**. 10. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.

LIMA, Luiz Costa. **Metáfora: do ornato ao transtorno**. In: _____. **A aguarrás do tempo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.

MENDES, Paula. “Metáfora”. In. CEIA, C. **E-dicionário de termos literários**. s/l, 2010. Disponível em:
http://www.edtl.com.pt/index.php?option=com_mtree&task=viewlink&link_id=1571&Itemid=2. Acessado em: 01 de julho de 2018.

PETRONIO, Rodrigo. **Jardins Simétricos**. *Jornal de Poesia*, s/l, s/d.

RICOUER, Paul. **A metáfora viva**. São Paulo: Loyola, 2000.

ROQUETTE-PINTO, Claudia. **Saxífraga**. Rio de Janeiro: Salamandra, 1993.

_____. **Corola**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2000.